

A CONSTRUÇÃO DE UMA VELHICE MORALMENTE IDEAL POR MEIO DA OBRA PORTUGUESA A VELHICE INSTRUÍDA, E DESTRUÍDA (1742)

GUILHERME DOS SANTOS LYSAKOWSKI¹; LÓREN CANTILIANO XIMENDES²;
MAURO DILLMANN TAVARES³.

¹Universidade Federal de Pelotas – guilherme.santos.lysakowski.10@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lorencantiliano@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – mauropdillmann@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

No decorrer do período Moderno (aproximadamente 1453-1789), observamos um vigoroso processo de desenvolvimento e difusão da escrita e da imprensa, especialmente na Europa. Entretanto, trata-se de um fenômeno heterogêneo, como apontam Fleck e Dillmann (2014), ao afirmarem que, durante o período moderno, na península ibérica, por exemplo, o domínio da leitura e da escrita era notavelmente restrito, por mais que, em contrapartida, houvesse nessa mesma época um desenvolvimento estrutural e a ampliação do acesso tanto da escrita propriamente dita quanto de materiais impressos. Essa perspectiva converge com as formulações do historiador francês Roger Chartier, que destaca o século XVIII como o século da expansão dos escritos impressos:

[...] a produção impressa e as condições de acesso ao livro em toda a Europa ilustrada sofreram mutações profundas [...] o crescimento da oferta e a laicização dos impressos, a circulação de livros proibidos, a multiplicação dos periódicos, o triunfo dos pequenos formatos e a propagação das salas de leitura e das sociedades literárias, onde a leitura não implicava necessariamente a compra do livro, permitiram e impuseram novas maneiras de se ler. (CHARTIER, 2002, p. 111)

Em Portugal, apesar das limitações às práticas de leitura, textos produzidos por filósofos, médicos, professores e religiosos passaram a circular com o apoio de editores em ascensão, especialmente na cidade de Lisboa. A produção escrita religiosa, em sua maioria, desempenhava a função de orientar moralmente a sociedade cristã. Desse modo, o presente trabalho busca analisar a obra *A Velhice Instruída, e Destruída* (1742), escrita pelo padre Oratoriano Manuel Consciência. O propósito central da análise é compreender a construção de uma velhice moralmente ideal perante a ótica católica setecentista por meio dos manuais religiosos de orientação aos modos para o bem viver. Fleck e Dillmann afirmam que;

Estes manuais eram, geralmente, publicados sob a forma de livreto de mão – conhecidos, atualmente, como livros de bolso –, formato que favorecia tanto a prática da leitura individual e o “manuseio e transporte pelo devoto que seguia as orientações que nele constavam”, quanto a aquisição, devido ao menor preço (FLECK e DILLMANN, 2014, p.47).

Desse modo, em síntese, o objetivo desta pesquisa é compreender o papel dos livros produzidos em pequenos formatos, aqui categorizados por nós como manuais de orientação aos modos para o bem viver, na construção de uma velhice ideal sob a luz da moralidade católica setecentista. Em especial, analisaremos a obra *A Velhice Instruída, e Destruída* (1742), escrita pelo padre Oratoriano Manuel Consciência, com foco específico no segundo diálogo do primeiro tomo e a construção dicotômica do autor entre os “vícios” e “defeitos”

naturais da velhice (aqueles perdoáveis) e os vícios imorais (aqueles imperdoáveis, e, portanto, considerados como pecado).

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, utilizamos como fonte a obra *A Velhice Instruída e Destruída* (1742), escrita pelo padre oratoriano Manuel Consciência, com foco específico no segundo diálogo do primeiro tomo. A análise se desenvolveu por meio de uma leitura estrutural, centrada no discurso moralizante e civilizador desenvolvido pelo padre para a construção da velhice no contexto do século XVIII português. Concomitantemente à leitura da fonte, realizamos um levantamento bibliográfico que inclui livros, artigos, dissertações e teses, com o objetivo de estabelecer um referencial teórico sólido. Entre os principais autores mobilizados, destacam-se Fleck e Dillmann (2012, 2014, 2015), Araújo (1997), Dominique Julia (1999), Ishaq (2003) e, sobretudo, Roger Chartier (2002). O suporte teórico fundamental da análise reside nas contribuições de Chartier (2002), especialmente no que se refere às práticas de leitura, apropriação dos textos e circulação das obras no Antigo Regime.

Nesse processo de compreensão das práticas de leitura, da apropriação dos textos e a circulação material dos escritos é fundamental ter o entendimento da existência de uma diferenciação entre as práticas de leitura contemporâneas e as práticas empregadas no Antigo Regime, visto que a leitura se desenvolvia de outros modos, aproximando-se de uma performance. Chartier, (2002) assinala essa prática de leitura enquanto uma performance, afirmando que os livros em pequenos formatos característicos do período eram “Compostos para serem falados ou para serem lidos em voz alta e compartilhados com um público ouvinte” (CHARTIER, 2002, p.13). Além de não ser uma prática impreterivelmente individual e silenciosa, a leitura no período moderno era envolta em funções ritualísticas e se organizavam de uma forma única “[...] pensados como máquinas criadas para produzir efeitos, os textos obedeciam a leis próprias à transmissão oral e comunitária” (CHARTIER, 2002, p.13). Essa perspectiva nos permite compreender que, na sociedade moderna europeia, o acesso aos textos impressos não se limitava aos segmentos alfabetizados. Isto posto, a aquisição desses livrinhos devocionais era incentivada por segmentos eclesiásticos do período, como afirma Dominique Julia (1999) ao destacar o incentivo da Igreja para que até mesmo os iletrados possuíssem obras de cunho moral e civilizatório, isto é, obras que tentavam imputar um comportamento mais regrado e ordenado de acordo com os princípios dogmáticos da Igreja Católica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o recorte proposto para esta comunicação e os objetivos estabelecidos para esta etapa da pesquisa, é possível perceber que a obra de Manuel Consciência desempenha um papel significativo enquanto um texto orientador de seus leitores sobre como proceder para garantirem a salvação de suas almas por meio da fé e do comprometimento dos “deveres” atribuídos à velhice. O autor, no capítulo que antecede o recorte da comunicação aqui proposta, contrapõe-se ao segundo diálogo, visto que havia exaltado os “bons velhos” como exemplos de sabedoria, moralidade e capacidade de governar. Aqui, porém, Consciência introduz uma nova perspectiva: a da fragilidade da velhice e sua vulnerabilidade a vícios específicos, reservados às idades avançadas, os quais devem ser reconhecidos, classificados e, sobretudo,

corrigidos. Desse modo, inicia o segundo diálogo anunciando: “Dos vícios naturais, ou defeitos naturais da velhice (Consciência, 1742, p. 113). O texto, desse ponto em diante, toma efetivamente a forma de um manual.

Em um primeiro momento o autor se dedica à exposição dos vícios naturais, ou seja, características negativas que embora ligadas ao envelhecimento, não constituem em si pecado. Dentre essas características, Consciência cita:

“[...] os velhos [...] [são] avarentos em adquirir, miseráveis em gastar, tímidos e frios nas obras, irresolutos nas ações, longos nas esperanças, estúpidos no que fazem, desejosos de mais em viver, difíceis de contentar, [...] [por] qualquer coisa se lamentam queixosos, [...] sempre louvam o tempo passado de sua meninice [...]” (Consciência, 1742, p. 114).

O autor se utiliza de outras analogias para expor esses traços apresentados como inerentes à natureza do envelhecimento humano. Um exemplo é a comparação dos velhos com vinho azedo, para demonstrar as dificuldades de lidar com os indivíduos envelhecidos; “[...] a velhice [é] como vinho doce, o qual ficando por muito tempo no vaso se torna em vinagre muito azedo e picante” (Consciência, 1742, p. 117). Superado o inventário dos defeitos naturais, Manuel Consciência passa a tratar dos vícios imorais, definidos como aqueles que comprometem a salvação da alma. O principal deles é o desejo de rejuvenescer por meio dos vícios da juventude, ou seja, a tentativa de reviver prazeres e comportamentos mundanos. O autor escreve com dureza: “Não há coisa mais torpe [...] que o ancião o qual não dá outra prova de que viveu muito senão a sua muita idade” (Consciência, 1742, p.135). Neste aspecto as críticas de Consciência, servem não apenas para compreender a construção da moralidade e civilidade cristã do período, mas também evidenciam que um tratamento ambíguo para com os velhos não é uma prática nova nas sociedades ocidentais.

Georges Minois (1992), identifica a velhice como uma construção histórica ambivalente, ora exaltada como tempo de sabedoria, ora temida como decadência moral, observação que vai ao encontro dos discursos encontrados na fonte. Dessa forma a análise do Segundo Diálogo do Primeiro Tomo da obra *A Velhice Instruída, e Destruída* (1742) permitiu evidenciar como Manuel Consciência e o catolicismo estruturaram uma visão moral da velhice profundamente marcada por uma lógica cristã. Nesse sentido, a obra não se limita a registrar uma visão sobre o envelhecimento, mas participaativamente da produção e disseminação de um modelo de velhice virtuosa, adequado à sociedade católica portuguesa do século XVIII. Como defendem Fleck e Dilmann (2014, p. 45), esses manuais religiosos tinham por objetivo orientar “moral e civilmente a sociedade” e estavam diretamente ligados à prática da leitura devocional e à pedagogia do medo e da salvação.

4. CONCLUSÕES

Ao longo da pesquisa constatamos que compreender a construção da velhice não é apenas revisitar o pensamento de um oratoriano do Setecentos, mas também lançar luz sobre as estratégias da Igreja em um momento de mudanças culturais profundas e sobre os modos como o discurso religioso buscava preservar seu espaço de autoridade moral por meio da palavra impressa, em uma época marcada pela expansão do pensamento racionalista.

Assim, ao analisar a obra *A Velhice Instruída, e Destruída* (1742) evidenciamos que a velhice moralmente ideal, segundo Manuel Consciência, é

aquela vivida com resignação diante das limitações naturais da idade, evitando a busca dos prazeres mundanos e a imitação dos vícios da juventude. Tratava-se de um envelhecimento pautado na moderação, na fé, no desapego dos bens materiais e na aceitação da proximidade da morte como caminho para a salvação. O velho virtuoso seria, portanto, aquele que, apesar dos “defeitos naturais” do corpo e da mente, dedicava-se à vida devocional, à prudência e ao testemunho moral para as gerações mais jovens. É em última instância o velho que não peca por meio dos vícios categorizados como “imorais”.

Dessa forma, a velhice idealmente construída pela ótica católica setecentista não se limitava a um estado biológico, mas constituía-se como um modelo moral e espiritual, resultado direto do projeto da Igreja em orientar os comportamentos individuais e coletivos por meio dos manuais devocionais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. **DO PALCO À PÁGINA: Publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII)**: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. 128 p. Tradução; Bruno Feitler.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; DILMANN, Mauro. Escrita, práticas de leitura e circulação de manuais de devoção entre Portugal e Brasil nos séculos XVIII e XIX. **História, histórias**. Brasília, v. 2, n. 4, p. 44-60, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/47334536/Escrita_pr%C3%A1ticas_de_leitura_e_circula%C3%A7%C3%A3o_de_manuais_de_devo%C3%A7%C3%A3o_entre_Portugal_e_Brasil_nos_s%C3%A9culos_XVIII_e_XIX. Acesso em: 06 de julho de 2025.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; DILMANN, Mauro. A LITERATURA CRISTÃ-CATÓLICA EUROPEIA E SUA CIRCULAÇÃO NA AMÉRICA: AS POTENCIALIDADES DE UM ARQUIVO PARA PESQUISAS SOBRE A HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES. **Revista del Cesla**, Varsóvia, Polônia, v. 18, n. 0, p. 89-116, out. 2015. Disponível em: <https://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/28>. Acesso em: 30 maio 2025.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; DILMANN, Mauro. “A Vossa graça nos nossos sentimentos”: a devoção à virgem como garantia da salvação das almas em um manual de devoção do século XVIII. **Revista Brasileira de História**, [S.L.], v. 32, n. 63, p. 83-188, 2012. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/JVvbbM6p9zfhCgk6PPtsGmQ/?lang=pt&format=html>. Acesso em 31 de maio de 2025

JULIA, Dominique. LEITURAS E CONTRA-REFORMA. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (org.). **HISTÓRIA DA LEITURA NO MUNDO OCIDENTAL 2**. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 79-116. Tradução Cláudia Cavalcari (alemão) Fulvia M. L. Morerto (italiano) Guacira Marcondes Machado (francês) José Antônio de Macedo Soares (inglês).

ISHAQ, Vivien. Missionários Reais: A literatura religiosa e a disputa pelas almas devotas, séculos XVI-XVIII. **Acervo**, [S. I.], v. 16, no 2, p. 147-172, jul/dez 2003. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/152>. Acesso em: 26 maio 2025.